

Entrevista com Nataniel Ngomane¹

RESUMO:

Entrevista realizada com Nataniel Ngomane, professor de Literatura na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo - Moçambique, e Presidente do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa (FBLP), organismo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e do governo moçambicano. A entrevista aborda, sobretudo, as relações entre Brasil e Moçambique no que concerne ao campo literário.

Palavras-chave: literatura moçambicana; literatura brasileira; relações entre Brasil e Moçambique;

CACL: *A partir de sua atuação como professor e pesquisador na área de literatura, como o senhor enxerga, em perspectiva histórica, a presença da literatura brasileira em Moçambique?*

Nataniel Ngomane: Vem crescendo progressivamente. No tempo colonial mal se conhecia ou se ouvia falar de literatura brasileira em Moçambique. Um e outro, isoladamente,

¹ Professor de Literatura na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo – Moçambique. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, e Licenciado em Linguística pela UEM. Desde 2014, é o Presidente do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa (FBLP), organismo dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e do governo moçambicano. Paralelamente às suas funções no FBLP, em 2018 criou, com um grupo de estudantes universitários, o Clube do Livro, com o objetivo de promover e incentivar o gosto e hábito pela leitura e debate de livros em espaços públicos, e não só. A iniciativa alastrou-se por todo o país. É Professor Convidado em diversas universidades locais e estrangeiras, simultaneamente à sua ocupação docente, e foi Diretor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da UEM (2010-2015), Diretor do Semanário moçambicano *Sol do Índico* (2014-2015), e do mensário *Sol do Índico* (2016-2017). Atua, ainda, como membro do Conselho Científico Internacional da *e-cadernos ces*, publicação do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. É também membro do Conselho Consultivo da revista *Portuguese Literary & Cultural Studies*, da University of Massachusetts-Darmouth, membro do Júri do *Prémio Camões 2019 e 2020*, e também do Júri do *Oceanos, Prémio de Literatura em Língua Portuguesa 2020*.



gente engajada na literatura, conhecia um e outro autor brasileiro. Os primeiros sinais da presença dessa literatura em Moçambique, creio, surgem com o impacto produzido pelo Movimento Modernista de 1922, cujos ecos chegaram também a Moçambique, impacto alcançado devido ao poder simbólico vinculado a esse movimento, assente no desejo de inovação artística guiada pela ideia da construção de uma identidade própria por e num país independente através das artes. Uma identidade diferente, desde logo, da identidade que vinha marcando o campo artístico brasileiro desde as suas origens remotas, suas manifestações estéticas e temáticas, umbilicalmente vinculadas a outras realidades do mundo.

A ideia da construção de uma identidade própria, brasileira, através das artes, constitui - em meu entender - o ponto central no estabelecimento das conexões desse modernismo e seus impactos na produção cultural, de um modo geral, e literária, em particular, com Moçambique. Porquê? A literatura moçambicana de língua portuguesa, como a brasileira, nasce e desenvolve-se no âmbito da situação colonial, a reboque da dominação colonial. Por essa razão, também é confrontada, à partida, com o imperativo de romper com essa condição periférica e vincar uma identidade própria. E digo literatura moçambicana de língua portuguesa, porque temos outras literaturas moçambicanas, orais e escritas, em outras línguas, as línguas bantu de Moçambique, línguas vernáculas dos povos de Moçambique.

Embora ambas literaturas, brasileira e moçambicana, tenham nascido em situação colonial, como galhos da literatura portuguesa - para usar as palavras de António Cândido -, a brasileira é mais antiga, situação que permite e torna possível que a moçambicana, por ser mais recente, possa procurar na brasileira o que lhe falta em matéria de modelo possível de desenvolvimento autônomo. Afinal, a literatura brasileira é atravessada por um longo processo de formação, desde antes de 1922, enriquecido pelas inovações da Semana de Arte Moderna de São Paulo, seu momento mais alto, consolidando-se a partir daí.

Esse processo - marcado pelo signo paradoxal da desdita, por um lado, ou seja, da desventura, infelicidade e infortúnio de nascer em situação colonial, e, por outro lado, do látego, enquanto flagelo, castigo, estímulo que marca o seu confronto para sair da condição periférica



– marca também a literatura moçambicana, que atravessa um processo similar: da desdita da falta de autenticidade e do látego da busca dessa autenticidade ao longo da sua formação. Essa busca, na literatura brasileira, que remonta o alvorecer da independência política, no séc. XIX, e toda uma experiência adquirida ao longo desse processo, que veio a refletir-se na Semana de Arte Moderna de 1922, é responsável pela incontornável posição de referencialidade que ela ocupa no seio das chamadas literaturas emergentes, inclusive, na literatura moçambicana, manifestando-se através da busca, da procura de uma postura própria, diferente, e muitas vezes até oposta à das literaturas europeias, e que se traduz numa “postura de ruptura”. Tendo ganho aceitação e projeção mundial, essa postura acaba, pois, por servir de exemplo a literaturas mais jovens, de outros países, como a moçambicana, no sentido de que, afinal, elas também podem demarcar-se dos cânones europeus dominantes e vincarem uma personalidade própria: a sua identidade.

CACL: *Quais as principais influências da literatura brasileira que o senhor julga haver na literatura moçambicana?*

Nataniel Ngomane: Do ponto de vista de orientação temática, no tempo colonial, sem margem para dúvidas, Jorge Amado. Aliás, nessa época, em particular a do fascismo salazarista, Jorge Amado era proibido em Moçambique. Se calhar, por isso, tornou-se muito conhecido e ávido de leitura por parte de muitos, em particular, dos grandes nomes da literatura moçambicana, como José Craveirinha, Noémia de Sousa, Luís Bernardo Honwana, entre outros. Mais recentemente, fala-se da influência de João Guimarães Rosa sobre Mia Couto, o que é discutível, do meu ponto de vista, dado que escritor que é escritor sofre influências do seu meio, do ambiente que o cerca - inclusive linguístico, tal como sucedeu com Guimarães Rosa - do que propriamente de um ou outro autor. Olhando para a linha de escrita de Mia Couto, como de Guimarães Rosa, José Luandino Vieira, William Faulkner, Virgínia Woolf, entre outros similares, poderemos notar que o “mundo misturado” das suas falas literárias deve-se mais à realidade



linguística dos espaços de onde provêm, de línguas e culturas em contato, do que, propriamente, de influências de uns autores para outros.

CACL: A literatura brasileira é abordada nas escolas de ensino básico em Moçambique? Se sim, qual é a ênfase que é dada?

Nataniel Ngomane: Com toda a certeza, não. A literatura brasileira não é abordada no ensino básico em Moçambique, para o qual estão reservados, somente e exclusivamente, textos de autores moçambicanos. E faz muito sentido, na senda não só do resgate e preservação da literatura e imaginário nacionais, sobretudo, chancelados pelo Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique, como também da passagem de testemunho desse conhecimento, desse saber próprio, moçambicano, às novas gerações de moçambicanos e moçambicanas. Creio que em todos os países deve ser assim, inclusive, no Brasil. Não creio que sejam abordados no ensino básico brasileiro, por exemplo, textos da literatura moçambicana.

CACL: E no ensino superior, qual espaço é dado à literatura brasileira?

Nataniel Ngomane: No ensino superior, a literatura brasileira tem um espaço similar a algumas outras literaturas que são oferecidas a estudantes do curso de Literatura Moçambicana, nos II e III anos, com um semestre cada: literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura e outras artes, literaturas em línguas bantu, literatura da África Austral, entre outras. O enfoque, de um modo geral, incide sobre a formação da literatura brasileira, seus momentos cruciais: Carta de Pero Vaz de Caminha, Iracema de José de Alencar, Macunaíma de Mário de Andrade e Semana de Arte Moderna de 1922. Essencialmente. Quando leccionei Literatura Brasileira, há alguns anos, foquei-me nesses aspectos, tendo terminado com a obra de João Guimarães Rosa.



CACL: O senhor julga que a produção literária brasileira contemporânea chega com facilidade aos leitores moçambicanos?

Nataniel Ngomane: Não. De jeito nenhum. Já tivemos oportunidade de abordar esse assunto em outros momentos, havendo concluído que seria necessária uma nova abordagem do intercâmbio entre o Brasil e Moçambique, por forma a possibilitar, reciprocamente, a circulação de produções literárias de um país e outro nos respectivos espaços. Tal passa, do meu ponto de vista, pela assinatura de parcerias entre as entidades que lidam com o livro e a leitura de ambos países. Em Moçambique, o Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, no qual, atualmente, exerço as funções de Presidente, poderia ser o meio de contato em Moçambique e, deste, com as editoras e livreiros moçambicanos. Por outro lado, programas de intercâmbio literário universitário também se poderiam prestar para esse desígnio.

CACL: O senhor julga que os prêmios literários internacionais, tal como o Oceanos, por exemplo, têm colaborado para uma maior integração entre os países que produzem literatura em língua portuguesa?

Nataniel Ngomane: De certo modo. Ainda não atingiram o nível desejado, de maior integração e circulação. A sua existência, porém, manutenção e desenvolvimento, poderão melhorar essa integração, sobretudo, se se levar em conta a necessidade da existência de escritórios ou delegações locais, em cada um dos países de língua portuguesa, que estimulem uma maior participação e integração, nesses prêmios, das produções das respectivas editoras e escritores. Por ora, o que se nota, é uma diferença quantitativa abismal de participações entre



os autores e editoras dos diferentes países, muitas vezes, até, por desconhecimento dos mecanismos de participação nesses prêmios, como o Oceanos.

CACL: Como o senhor enxerga a presença da literatura moçambicana contemporânea no Brasil?

Nataniel Ngomane: Ainda há muito que fazer, embora se tenha dado um salto qualitativo, sobretudo, com a ação da editora Kapulana, que tem permitido uma maior e rápida divulgação e consequente presença, no Brasil, da literatura moçambicana. A ideia de parcerias, referidas já em resposta anterior, é também aqui válida.

CACL: Quais caminhos e práticas o senhor considera importantes para que haja uma maior integração entre as comunidades leitoras de Brasil e Moçambique?

Nataniel Ngomane: Um maior intercâmbio do mercado editorial e livreiro, para começar, mas também ao nível dos programas de ensino, em particular universitário. Seria interessante, por exemplo, que a literatura moçambicana, enquanto tal, fosse oferecida como disciplina nos níveis de graduação de algumas universidades brasileiras como a Unifesp, por exemplo, e o mesmo sucedesse com a literatura brasileira em outras universidades moçambicanas, além da Eduardo Mondlane. Ademais, programas de leitura aberta ao público, geridas pelo Museu de Língua Portuguesa de São Paulo, por exemplo, com enfoque sobre a literatura moçambicana, com uma contraparte do lado de cá, enfocando a brasileira, podem ser caminhos interessantes. A integração de leitores, em ambos países, parece-me um caminho promissor para um maior conhecimento mútuo, não apenas dos leitores, mas também das respectivas literaturas e sociedades.

